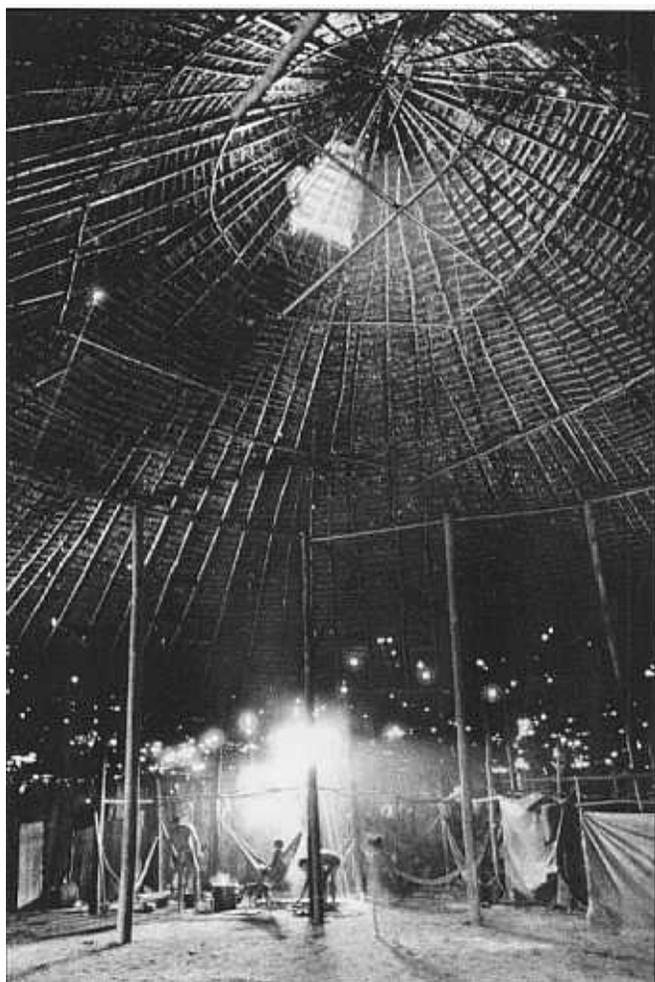


Ouro e cassiterita sob o chão ianomami



Iniká Marina estava parada sobre a ponte do rio Solimões. Olhava as águas turvas e sentia falta dos peixes que nessa época desovavam num movimento de recriação da vida. Ela também não pretendia recriar a vida. Estava febril. Desde que encontrara os brancos no novo ponto de pouso de aviões, sentira que o mal tomara conta de seu corpo. Sabia que os brancos traziam doenças. Já vira muitas mortes por malária, tuberculose.

Akükã Antônio, seu parente que viera visitar, dizia que os brancos queriam derrubar o chão. Não tinha entendido o significado até encontrar, em uma de suas perambulações, a terra deflorada. Sem mato, toda revolta, esburacada e sem vida.

Os que chegavam queriam o ouro e a cassiterita, diziam os guardas-florestais. Eram homens pobres, doentes e também sofriam com os donos das madeireiras ou das mineradoras.

Como podiam derrubar toda a floresta?, perguntava-se a moça com tristeza. Aprendeu que esses brancos eram garimpeiros. Eles chegavam depois dos madeireiros que cortavam as árvores. As toras eram jogadas rio abaixo e recolhidas por caminhões que ficavam próximos às rodovias. Os peixes também sofriam muito.

Marina gostava do silêncio das matas. Conhecia seus sinais, como o grito dos macacos, o canto das cotovias, o choro das cachoeiras e, especialmente, o pio das corujas que avisavam quando o vento e os espíritos da floresta estavam zangados.

Tinha parentes espalhados por muitas comunidades. Visitavam uns aos outros, animavam os espíritos do mato e recebiam deles as mensagens para as festas. Muitas vezes teve medo dos outros moradores da mata. Chamavam-nos de seringueiros. Faziam a árvore chorar um leite branco que colhiam nas cuias amarradas nos troncos das árvores. Ficaram unidos, nativos e seringueiros, depois que muitos brancos penetraram na serra dos Surucucus em busca de cassiterita.

A presença desses brancos provocou muita dor e destruição para os povos da floresta. Eles foram roubados e violados. Marina perdeu muitos parentes.

- O que pensa aí olhando o rio há tanto tempo? – perguntou o chefe, que a observava preocupado.
- Na morte do rio. Não é certo o rio morrer. Com ele morrem os peixes, a floresta e nosso povo – afirmou a moça.
- Os brancos querem nosso chão e nosso rio. Isso não pode acontecer, pois estamos morrendo depressa – respondeu o homem.
- Nem todos os brancos querem isso – afirmou a moça. – Lembra dos seringueiros? Eles se juntaram a nós e expulsaram os madeireiros.
- Esse era especial. Chico Mendes era parte do povo da floresta.
- Existe gente que pode fazer o governo defender nossas terras. Mas não os militares que cuidam da fronteira. Nem sabem que temos parentes em todas essas partes.
- Foi o governo que encomendou pesquisa do Radambrasil. Depois dela as disputas sobre nosso território aumentaram. Mesmo com as leis e a Funai ninguém nos respeita. Pensam que somos vagabundos.
- Não deve dizer isso, Iniká. Os agentes da Funai podem pensar que é contra eles.
- Você acredita em defesa da Funai? – perguntou a moça, desconfiada.
- Não, mas sem os medicamentos dos brancos, você vai morrer depressa. Nossas ervas de cura não nascem mais e nossos alimentos estão contaminados com o mercúrio, como as águas do rio.
- Como vamos sobreviver sem a floresta? Nem o branco vai sobrar!
- Iaxuí Waldir Yekuana, da serra Curupira, quer reunir todos os povoados para impedir o homem branco de abrir caminho para a doença, a pobreza e a morte.
- Deve então agir rápido, Akükã Antônio, e usar o agente da Funai para falar com governo em nome dos Ianomami.
- A lei dos brancos diz que o índio tem de ser protegido e que as terras de índios não podem ser vendidas.
- Tudo o que o branco faz destrói o modo de vida dos Ianomami. Não existe mais perambulação e os alimentos que colhíamos na floresta estão desaparecendo. Não há mais artesanato de fibra de palmeira. Agora usamos até plástico na aldeia. Parece bom, mas o modo de viver de nosso povo é integrado com a natureza. Sem a terra para caminharmos, caçarmos, sem o rio para nos banharmos e pescarmos, sem o espírito da floresta para nos proteger, desaparecemos. As crianças não nascem e os peixes somem.
- Nossa união é urgente! Não podemos deixar que as aldeias se separem – afirmou o chefe.
- Um jeito é contar nossa história para os brancos, contar como se formou o mundo, como o espírito da floresta nos ensina, como os pequenos aprendem.

- Também precisamos aprender a história dos brancos, saber o bem que a floresta faz para todo o povo e ensinar a criança branca como viver em conjunto com a natureza.
- Existe Ianomami aprendendo com branco a roubar e a matar, trabalhando, cortando árvores. Uns também usam o rio para transportar a madeira e até existem aqueles que desejam o ouro de nosso chão.
- Esse não é mais Ianomami. Deve sair da aldeia e ir para cidade. Nosso povo sem aldeia morre, não pode ser sozinho.
- Iniká, você sabe que a terra é tudo, é nossa vida, é nosso ar.
- Akükã, você pensa que vamos sobreviver? Será que o branco vai entender quanto vale a vida na terra?

Ele respondeu que muitos brancos sem terra estão lutando para impedir que tudo seja destruído.

- Muito branco pode se juntar a nós para salvar a mata, os animais e os povos da floresta, para que o branco também possa viver feliz!

Iniká Marina molhou a mão nas águas do rio e pensou que para ela era muito tarde.

FOTO Parte interna de uma maloca. Serra dos Surucucus, Roraima, Brasil, 1998.

MAPA n. 7 Assentamentos rurais no Brasil.

LIVROS ADASSI, V. et al. *Ser índio hoje*. São Paulo: Loyola, 1997 ■ CUNHA, M. Carneiro da. *Os direitos do índio*. São Paulo: Brasiliense, 1987 ■ GOMES, M. P. *Os índios e o Brasil. Ensaio sobre um holocausto e uma nova possibilidade de convivência*. Petrópolis: Vozes, 1988 ■ IOKOI, Zilda M. G. *O Brasil atual e a mundialização*. São Paulo: Loyola, 1997 ■ RIBEIRO, Darcy. *Diários índios – Os urubus-kaapor*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996 ■ SILVA, Aracy Lopes da e GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. *A temática indígena na escola – novos subsídios para professores de 1º e 2º graus*. Brasília: MEC/MAR/Unesco, 1995.

FILMES *Xingu* (1985, Washington Novaes) ■ *Índios do Brasil* (1995, Sylvio Bach) ■ *Terra de índios* (1980, Zé-lito Viana).

PROJETOS MILITARES NA AMAZÔNIA

As reservas indígenas estão, hoje, localizadas majoritariamente na Amazônia Legal, sofrendo os impactos dos grandes projetos de integração articulados pelos governos militares. As conseqüências ao meio ambiente são atestadas tanto nos resultados da mineração

desenfreada, como na destruição dos grupos indígenas, cujo exemplo mais candente é o dos lanomami.

PROJETO JARI

O projeto foi disputado pelo governo brasileiro com a Nigéria, por intermédio dos empresários Augusto Trajano de Azevedo Antunes e Daniel Keith Ludwig. A disputa era justificada pelo general Golberi do Couto e Silva, com o lema *integrar para não entregar*. Pretendia-se montar um grande complexo industrial às margens do rio Jari, no Amapá, mas o projeto serviu apenas para a exploração predatória da floresta. Ludwig apropriou-se de 1,2 milhão hectares de terras e, só no ano de 1967, foram desmatados 8 mil hectares de floresta, que deveriam ser posteriormente reflorestadas, meta prevista para vinte anos, quando 160 mil hectares deveriam ter sido transformados em floresta de gmelina, espécie asiática que poderia substituir o pinho-do-paraná.

GARIMPO DE SERRA PELADA

Localiza-se em Marabá, ao sul do Pará, com uma área de 90 quilômetros de extensão. Desde 1979, os boatos sobre o ouro atraíram milhares de pessoas que, armadas com pás e picaretas, dirigiram-se para o local, criando um episódio dantesco, muito documentado pela imprensa. Uma serra de densa floresta foi colocada abaixo por uma população de garimpeiros constituída por 80 a 100 mil pessoas. Foi um garimpo controlado pelo governo, que encarregou o major Sebastião Rodrigues de Moura (major Curió) como comandante da área. Em seu período mais próspero, por volta de 1983, produzia uma tonelada de ouro por mês.

As doenças, o desmatamento, a exploração dos comerciantes e das madeiras permitiram a ampliação da deterioração ambiental, a contaminação das águas e a morte de vastos contingentes da fauna local.

Também por intermédio da ONU, o Brasil foi condenado no Tribunal dos Povos pela devastação da Amazônia e por omissão no genocídio decorrente desse processo. Dos 100 mil lanomami existentes no início dos anos 1960, hoje o grupo é composto por 9 mil pessoas em lamentável estado de debilidade física e social, à beira de um colapso irreversível.

LIDERANÇAS INDÍGENAS

As lutas em defesa dos povos indígenas foram assumidas na década de 1980 por seus líderes que, apoiados por inúmeros mediadores, passaram a se destacar em diferentes esferas da cena pública. Mário Juruna (Xavante) foi eleito deputado federal e, com seu grava-

dor, registrava tanto as denúncias dos problemas indígenas, como as promessas de políticos e de dirigentes da Fundação Nacional do Índio (Funai). Ailton (Krenak) pintou-se de preto, em pleno Congresso Nacional Constituinte, para defender as terras e a cultura indígenas ameaçadas.

Deve-se ainda destacar nesse processo a figura de Raoni Metuktire, Txucarramãe (Kapyapó), e de Marcos Terena, que participaram de amplos movimentos em defesa da autonomia dos territórios indígenas.

As lideranças ganharam legitimidade, especialmente depois da criação, em 1972, do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), e passaram a contar com sua auto-organização, como a União das Nações Indígenas e as assembléias entre eles e os seringueiros, constituindo a União dos Povos da Floresta. Como consequência da idéia de reservas indígenas definidas pela Funai, os seringueiros desenvolveram a estratégia de reivindicar as reservas extrativistas e desse modo reunir em autodefesa os vários grupos de moradores da floresta. Pelos *empates de derrubada*, seringueiros com suas mulheres, filhos e nativos cercavam as árvores que seriam cortadas pelas motosserras, salvando a área e passando a exigir do governo transformação do lugar em reserva extrativista. Na década de 1990, as reservas já atingiam 32 áreas de extração do látex, demonstrando uma consciência decorrente da ação de Chico Mendes, um dos líderes dos seringueiros que acabou sendo violentamente assassinado em sua casa no município de Xapuri, no Acre.